



Visado pela
Comissão de Censura

Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES — ANO IX N.º 219 Preço 1\$00

Património dos Pobres

No dia e hora marcados, foi a entrega das duas casas de Ribas e outras tantas em S. João da Madeira. Como é costume, no dia seguinte apareço para ver e ouvir; sobretudo ouvir os habitantes das moradias. Todos eles usam a mesma linguagem, porque vêm do mesmo sítio aonde passaram idênticos trabalhos. Numa salineta da casa de Ribas, estava um berço cheio de sol e dentro uma criança. Berço e criança, eram os mesmos que pouco antes tinha visto na cortelha de animais, como ao tempo aqui se disse e que fora a causa impulsiva de tão rápida construção. Parei junto do berço. Soube o nome do pequenino; Joaquim. Soube da idade; anda em treze meses. É loiro. O sol atravessa a casa. Há dois vasos de flores sobre uma cadeirinha de pinho. Desta saleta passo ao quarto. Mais luz. Outra jarra com flores. A dez metros é o antigo curral...

Ao sair, torno a encarar o berço. O Joaquinzito dormia. Que dei a olhar. Ninguém compreendeu esta pausa e mais estava ali gente. Pausa cheia. Era a criança do curral! Passei-lhe naquele momento toda a minha cruz. Ele, o anjo do berço, que não se tem, de pequenino, foi o meu cireneu. Amarguras, humilhações, fadigas, tudo quanto naturalmente nos aflige e consome, tudo naquele momento lhe entreguei! Ele foi do curral, do mau cheiro e ora tem sol e flores.

O movimento de casas do Património, está tomando proporções alarmantes.

Ponta Delgada quer começar. Torres Vedras já começou. Em Alcanena fala-se. Um povo perto de Viana, vai inaugurar as primeiras por estes dias. Tortozendo. Tramagal. São os vicentinos. A todos que me pedem esclarecimento, mando na volta cópia do regulamento e a divisa — *casas prá frente*.

Vicentinos, sim, com seus assistentes ao leme. De um sei eu que pretende voar muito alto. Junto de um pequenino aglomerado de casas do Património, desja ele edificar o hospital vicentino! É um pároco. O que isto traz de luz! Que largas perspectivas! Oh horizontes! Estaremos na época das grandes descobertas de assistência particular! Será que vamos ver a Igreja reatar as suas gloriosas tradições de curar os enfermos, como dantes era?

Um pequenino hospital vicentino! Casa de Saúde que não peça documentos, nem pagas, nem nada. Casa aonde o pobre tenha o seu leito e tudo quanto precise para estar doente e para morrer! Será que tornamos aos tempos primitivos? Oxalá.

Ele é um homem de condição humilde e muito honrado. Parece mais velho do que é porquanto, tendo sofrido em tempos de dores de cabeça, um médico, sem saber o que dizia, mandou-lhe tirar os dentes. Ele assim fez e ficou com a dor!

Com o andar dos tempos, tornou-se mais branda, mas ainda é. Vive em uma casita de um seu cunhado. As filhas são teceadeiras. A mulher faz o caldo e arruma. Ele era carpinteiro. De vez em quando aparece por aqui. É sempre de manhã que o faz, ao cheiro do cafézito... Hoje foi o dia em que ele veio. Eu já tinha tomado o meu e estava em cima a trabalhar, quando um rapaz me vem dizer quem estava; todos o conhecem por muito cá vir. Mandei-o ir ter à cozinha e que ao depois subisse. Estava no meu trabalho quando oiço bater à porta. Era ele. Mandei entrar. Sentou-se ao pé de mim. Trazia cinco quilómetros e por cima os degraus do primeiro ao segundo andar, daí o valer-se da cadeira. Eu continuei ocupado. Nós não somos de cerimónias. O meu amigo, bem almoçado e ora bem sentado, não tem pressa. Que dei de trabalhar. Dou uma volta à cadeira e fiquei de cara a cara. Cabelo e bigode são brancos. A velhice parece mais porque desdentado. Umhas botas grossas nos pés. Umhas calças de cotim e camisa do mesmo pano. Colete Casaco não. Abri conversa. Quis saber como lhe corra a vida desde a última visita. Ele não atende. Não me responde. Trazia dúvidas sobre o que tinha visto e quer saber a certeza. Isto, para ele, era muito importante, por isso me não atendeu. Pergunta-me se um grupo de três casas que estão a fazer em Gandra também são. Sim, disse-lhe eu. Aquelas três casinhas de Gandra também são. O homem pousa a vista e faz breve meditação. Eu olhava. E aquelas outras três que estão a fazer às alminhas de Galegos também são?

Sim. Aquelas três às alminhas de Galegos também são. Agora é um sorriso. O seu olhar ergue-se. Eu esperava naturalmente o louvor. Duas grandes afirmativas a uma grande curiosidade, haviam de produzir um elogio quente à minha pessoa. É lógico. Fiquei à espera. Pois enganai-me. O meu visitante alonga-se, abre mais os olhos. Força a voz e exclama: é Deus! É a Providência! Fingi que o não percebia. Mais. Dei-me por magoado. Então eu não sou ninguém? O homem não retira nem altera nada do que disse, antes, agrava: o senhor (eu) não vale nada! Cafézito quente, estômago composto. Viera-me pedir uma ajuda para comprar um bacorinho e eu digo-lhe que vá ao Sérgio escolher um de entre os 14 de uma ninhada recém-nascida. Por cima de tudo isto, dei-lhe 100\$00 para o caminho. Tudo isto ele tinha já na mão; não eram promessas. Era eu quem dava. Não importa o que faço. É Deus. É a Providência. O senhor não vale nada!

Diz a Escritura que os justos vivem

da fé. Este homem vai direito às realidades eternas. Não sabe cortesias. Não compreende maneiras. Só Deus. Deus operante. Deus presente. Três casas à beira da estrada. Mais três casas à beira de outra. Casas feitas e dadas sem condições. O café. O bacorinho à escolha. Os cem escudos. O mais que ele sabe. O mais que ele sente. O mais que ele pensa. A sua vida esmagada e dolorosa, cheia de privações. Só Deus! Aqui fica a lição de um mestre desconhecido. Aqui a maior definição que jamais foi dada da Obra da Rua: o senhor (eu) não vale nada.

Agora

Segundo reza o último número são precisos mais 696 contos para chegar ao fim das cem casas. Mas este número é muito baixo. No dia em que se acabar a última, torna-se necessário abrir caboucos de mais outras cem. Só assim, Lisboa vai hoje à frente com uma telha de 20\$. Outra do Porto. Atenção a quem passa. É gente de África. São do Congo Português. À frente vai o pequenino Carlos Adelino e a seguir mais quinze adultos com um cheque de mil e duzentos angolares. O Porto vai com pregos, 20\$. E também com uma telha de 100\$. Outra arrumadela, que o caso merece a; é um humilde empregado bancário que teve aumento de ordenado e vai com ele numa bandeja. Eu tenho pena e souro por não ver também os banqueiros. Tenho dó. De entre os que se aproximam deles, havia de haver alguém que, por caridade, os avisasse... Eles fogem de mim! Mais por largo. Mais largueza, que ele vai passar; é o «Jovem Rico» com sua Mulher e dois Filhos. Levam 4 contos por conta da nossa casa. As maiúsculas de mulher e filhos, são dele. Tanto respeito! Tanto amor conjugall! Que riqueza! O Carlos António leva um lençol, 50\$. Almada vai com telhas, 25\$. Parede não quer ficar em casa e sai com telhas, 140\$. S. João da Madeira 30\$. Castelo Branco deseja oferecer uma casita e parece que sim; vai com mil e cem deles. Algueres leva 100\$. Ermezinde dá uma fechadura, 20\$. Mais espaço para estes dois; devem ser irmãos e dizem ir a caminho de uma vida melhor... Que belo caminho! Que eles me ajudem a segui-lo, com suas fervorosas e moças orações! Uma avó vai com pregos, 100\$. O Crato leva telhas,

UM JANTAR

A camionete chegou à hora marcada. Daí a nada desanda, comitiva dentro, em direcção ao sítio aonde temos 4 casas do Património. Os Pobres da camionete descem. Este era mesmo o objectivo da sua viagem aqui; visitar as casas e os seus colegas.

Não se descreve! Entre novos e adultos, os convidados eram a passar de trinta. Quem mais se impressionava eram as mães. A cozinha com forno e lareira. A sala florida. O quarto de dormir. O jardim. A horta. Voltadas para seus maridos, não se cansavam de gemer a sua sorte e sem invejar, alegraram-se com a dos habitantes. Não se descreve!

A camionete regressa. Era a passar do meio dia. O jantar estava para a uma. Entramos por uns momentos na capela. Não fazia sentido que, tendo ido visitar os pobres, não fossemos, também, ver o Pobre. Formos Chamei àquele momento o aperitivo. O banquete ia ser. Nesta altura os nossos rapazes tinham desocupado o grande refeitório e viam-se deles a preparar as coisas. Por sobre as mesas, alvejavam toalhas do nosso bragal. O talher bom. A loiça boa. O melhor vinho. A cozinha ruscendia...

Dá a hora. Estávamos todos. Os vicentinos do Lar do Porto, Carlos Veloso, Carlos Gonçalves, António Prata, Manuel Costa e Chico das Pombas apresentam os seus e marcamos-lhes lugar. A pobre do Chico é uma formosa velhinha, toda de lavado, que, por sua vez, mo apresenta e diz: este é o meu neto. E à mesa ficaram juntos. avó e neto. Não se descreve!

A sopa começa; cheirava e sabia a hortelã. A seguir, alguidares de arroz de forno com salsa e rodela de cebola. Depois, pingadeiras com vitela assada às postas, e batatas loiras do forno. Os vicentinos serviam. Canecas de vidro deixam transparecer a cor de espuma e fresco. Por fim, sopa seca. Vem a hora dos discursos; era um banquete. Um levanta-se e fala: nós não sabemos o que temos de dizer. Disse tudo.

20\$. Outra avó com telhas, 25\$. Mais telhas de Mangualde, 25\$. Vizeira 50\$. Hoje levamos um sacerdote com 50\$. Porto 50\$.

Ficamos em 688.500\$00

AO MICROFONE O Nosso Jornal

Estas minhas palavras dirigidas expressamente a todos os habitantes de Angola e Moçambique, são precursoras de quem brevemente por ali há-de passar, se Deus não dispuzer de outra sorte. Não levo título, nem credenciais nem programa, nem nada daquilo com que os homens se costumam recomendar aos homens. Procurador geral dos pobres que sou, é justamente em nome deles e por amor deles que vou a falar das minhas experiências.

Pudera falar-vos também da Obra da Rua com sua Casas do Gaiato, como as que hoje já temos nos distritos de Lisboa e Aveiro e Coimbra e Porto. Pudera dizer-vos, ainda, do porte de alguns que já hoje trabalham em várias firmas das duas grandes províncias. E a propósito, tenho aqui uma carta de Luanda recebida ontem do «gaiato» Carlos Alberto e não me tenho que não leia a sua terminação: — «que venham todos os que tenham merecido a vossa confiança. — Assim espera a Obra. Assim exige a Pátria. Que não vacilem nos perigos que os esperam, que sejam fortes, sobretudo de espírito; enfim, que sejam homens que venham para servir e engrandecer o nome de Portugal.»

Toda a carta é por tal modo formosa, que os assinantes do nosso jornal não de gozar a sua leitura no próximo número.

Sim; pudera dizer. A Obra da Rua é hoje a permanente nota do dia. A vida dos seus rapazes é assunto de boca em boca; melhor seria dizer de coração em coração. — Porém, desejo levar a cada um de vós, uma outra notícia que, sem envelhecer a Obra dos Rapazes é, contudo, mais nova no tempo, mais oportuna, mais imperativa e sobremodo aliciante. Quero-me referir ao «Património dos Pobres». Nós andamos actualmente ocupados na construção de casas para indigentes, de sabor regional, naquelas terras e sítios aonde nos oferecem negas de terreno. Não segregamos o pobre. Somos contra os chamados bairros para eles, a distância.

Vamos, de preferencia pelos sítios aonde eles habitam e ali pedimos terreno e levamos casas. Integramos por esta maneira o pobre no meio dos ricos e dos remediados. É mais humano. É mais cristão. É preciso que eles tenham por quem chamar, necessitando; e também é preciso que hajam ao pé quem os atenda. Esta é a doutina consoladora. Esta, a política do Padre Nosso. Ninguém diz «pai meu» mas sim «osso» quando falamos a Deus. Pai Nosso! Aproximação que faça amor e não separação que traga classes. Uns ao pé dos outros para que mutuamente se ajudem e amem. Assim está certo.

Está a ser raro no mundo de hoje o homem que se abaxa e cure as feridas do pobre. Dir-se-ia, até, que a raça dos samaritanos ameaça extinguir-se, se tal não fora o impossível; porquanto, o bom samaritano é Jesus na terra e sem Ele nada do que existe seria.

Sim. É esta a mensagem que eu levo do nosso amigo Portugal aos queridos portugueses de além. Uma vez ali, por mais perto, hei-

de dizer quantas e quais. O seu material. A sua b. l. za. O seu custo, — tudo. Dizer como e por quem habitadas. A horta. O jardim. O asseio. O zelo. A alegria de viver.

Já não seria pequena acção obigar a sair da barraca quem lá mora, se tal fosse preciso, mas nós fazemos mais. Subimos mais alto. Ajudamos os constrangidos da corielha. Eles suam pela sua casinha. Residem ali contrafeitos e por força das circunstâncias. Isto significa que o homem é criado para presidir e não para conviver com os animais; — verdade eternal. Tanto assim é, que a é há data, todos quantos têm sido convidados a entrar no que é deles, rejuvenescem e começam a amar. Transformam-se. Até os chamados de má nota se apuram, tal a vista e a posse e o gozo de uma casa em condições.

Tencionamos sair de Lisboa pelo «Quanza» a 30 deste Julho. Falo no plural, pois que deve acompanhar-me o Júlio. Zé Eduardo foi comigo ao Brasil. Avelino, aos Açores e no regresso, como terei de ali voltar, levo um outro na minha companhia. Não é conforto. Não é luxo. É uma necessidade. Sem um deles ao pé de mim não sairia de casa. Eles são o espelho. Neles vejo os reais e socego. Não sei o dia da chegada a Luanda, mas é ali que descemos e encetamos o caminho da contra costa. Os Pioneiros! Os Surridores! Os nossos Maiores! Cada um português, ao desembarcar, devia ajoelhar e beijar a terra em sua memória!

Ali em Luanda, não sei o que nos espera.

O «gaiato» Carlos Alberto diz que há-de ser o primeiro a entrar e para ele vai também o meu primeiro abraço. Quanto a nós, nada escolhemos; só peço que me deixem andar depressa. Os pregadores do Evangelho, não têm tempo de perder tempo. Leito vem a seguir. Todos nos dizem bem da cidade moça e populosa. Quem e como nos recebem? Incógnita. Ao depois se verá. Dali temos a linha férrea até Vila Teixeira, na margem da qual se formaram núcleos que mais tarde foram vilas e hoje querem e devem ser cidades. Se não do mesmo ventre, uns e outros são de Portugal por isso, seja da b. ira mar cu da beira linha, todos nos há-de abrir os braços e as portas. Os nomes das terras por onde a linha passa, não os fomos buscar ao mapa, mas sim temos notícias deles por visitantes à Casa do Gaiato. A ser com o eles dizem, tudo quanto têm ficaria a ser nosso, mas não. Nós vamos em cata de outras riquezas. O que eu pretendo sob estudo e acima de tudo, é ver de como posso conseguir embarcar mais rapazes. Muitos rapazes. Todos os rapazes. Aqui não há pão que chegue nem terra para o cultivar. Vamos para lá. O que os Pioneiros conquistaram com as armas, vamos nós agora conquistar pela enxada. Só desta sorte seremos donos daquilo a que chamamos nosso. Uma vez em Vila Teixeira, fica à vista E. Ville. Ali também há portugueses mais saudosos de Portugal do que os de Angola, sim, porque no estrangeiro. Residem no estrangeiro. Dali ao c. tiveiro é perto. São palavras quase sinónimas. Não sei se alguém ali nos conhece. Se alguém dar a

pela nossa passagem. Se tal for, seremos para eles mais portugueses do que fomos em Angola. Mais urze e alfazema. Mais capelas e romarias; alminhas e cemitérios. Mais cheiro de Portugal. Porque? Porque sendo portugueses, momaram longe e fora da Pátria!

Dali para a Rodésia, temos o avião — caminho de nuvens. Em Salisbury prometu vir ao nosso encontro um amigo da B. ira. Nesta formosa cidade, sei que se está trabalhando por bem responder à nossa mensagem. Temos notícia de subcrições, algumas já cobertas, para a construção de casas do Património dos Pobres. É bom saber-se anticipadamente o que vamos encontrar. Perto fica o Chinde, aonde desejo ir e andar por lá sozinho, que é justamente a melhor companhia, quando queremos viver e meditar; ali passamos os verdes anos da minha vida. Acima fica o Luabo. O Zambeze é linha de água, em cujas margens se formam povoações e vilas e a seu tempo, cidades. Se em alguns sítios me demorai, em nenhum tanto como no Luabo; estão ali o Teles e o Amadeu Elvas, dois gaiatos de categoria. Tete, antiga residência de zambezianos; terra de lendas e aventuras dos nossos antigos; tão longe do mar e do mundo, que só por muitas léguas e tempo se podia lá chegar. A Tete gostaria de ir, se alguém nos quisesse chamar. Quelimane é mais perto; no meu tempo era o reino dos mosquitos e um mundo de pântanos. Hoje, pelo que oíço e leio, nada do que foi. Um nação ao norte, temos a Iha de Moçambique e por amor de alguns amigos que ali moram, hei-de ver se me não venho em bora sem ver como eles passam. Inhabere fica a caminho de Lourerço Marques e o Xai Xai terá visita certa, por ser daquela vila que veio para Portugal a primeira casa do Património.

Assim como aos de Angola, também em Moçambique direi que tenho pressa de regressar. Depois de me inteirar das possibilidades de empregos, tomarei o caminho de Lisboa.

Por onde quer que eu passe; a quem quer que eu fale; qualquer que me receba, — é sempre e sempre o procurador dos pobres que passa.

A DOLOROSA

É no sopé dum monte e campos à vista, que ela habita. É mãe de 8 filhos. Já não tem um peito e no outro sente picadelas, como ela explica. Dia sim dia não, vai ao hospital por uma injeção e muito se admira que com ela, fique sem dores. Mas chega lá esta fadinha de todo. Que admira? São 7 quilómetros! Cada caixa delas custa 60\$00 e a dolorosa empenha-se e nem sempre consegue o dinheiro. Mais dores. O hospital não dispensa. A Santa Casal Quanto maiores, mais santas... Os fundadores não o quiseram assim.

Esperemos que doravante lhe não falte nada. Que desapareça a distância por caminhos ardentes. Que possa sofrer e crer, para bem morrer. Tudo fica alinhavado neste sentido, antes de embarcar no «Quanza». Na verdade, que iríamos nós fazer a África? Quem fecunda a nossa palavra? Quem protege e valoriza a nossa missão?

Ainda há pouco tempo é que eu dei fé. Se antes tivesse dado, não deixaria passar, naturalmente — Trata-se de uma comedela. A maior do século! Ora oiçam. O preço do jornal, avulso, é de dez tostões. Saindo ele aos 15 dias, segue-se que aparece 25 vezes no ano e aqui temos outros tantos escudos, a quem o toma nas ruas. Muito bem. Até aqui bite tudo certo. Mas ele é costume e já se conta que uma assinatura fica sempre por menos dinheiro. Pois aqui não. Aqui não senhor. Avelino desata a pedir 50\$ a todos quantos lhe perguntam o preço da assinatura. São 50 escudos, informa Avelino. Cinquenta escudos o mínimo, torna ele a dizer na mesma carta. Mas o bonito é que os senhores aceitam, acham graça à comedela, pagam e mandam vir mais! Cada dia traz novos assinantes!

Visitantes

Ou por mais ou por melhores, o certo é que tendo sido, até hoje, a média de 100 contos por ano, em Junho deste, era já aquela soma ultrapassada! O Mundo não acredita na inenarrável riqueza da P. b. reza Evangélica; não acredita! Mas ele há mais e melhor; é que todo aquele mar é feito de gotas sacrificadas. É raro vir um e dar do que lhe sobra; a grande maioria é do que lhe faz falta! Exemplo; ontem estiveram uma data de operários da Companhia Portuguesa de Tabacos a entregar os seus mealheiros, Janeiro a Junho. Of. cina n.º 1 deu 500\$00. Oficina de Picado deu, 452\$50 Oficina n.º 2 377\$50 Oficina de máquinas, 320\$00 e dita de Picque, 250\$00

«Pai Américo; prá frente, Ensine a toda esta gente Essa oração paternal Que em Fátima prégo E, que tão fundo calou No povo de Portugal!»

Os versos são mais, mas este basta para se ver que nas fábricas também há poetas. No mesmo grupo e fábrica, vem uma promessa de 20\$00 e outra promessa de 20\$00

Com os Cigarreiros também vinha um Grupo da Barbearia da rua de Vera Cruz, e entregou 100\$00 de um mealheiro que há dias foi posto ao público. A carta diz mais: fazemos votos para que todas as Barbearias, Fábricas e Casas Comerciais ponham também os seus mealheiros. Se tal acontecer e todos põem o tostão, vamos medir com o Fundo do Desemprego e acudir aos desempregados.

Livros e postais é um andar. O Manel Côco, arma a tenda manhãzinha e chega à noite esgotado! Está quase no fim o II volume. Quando sair o Barredo o que será? É um outro que tenciono escrever durante os 12 dias Lisboa — Luanda, e que se há-de chamar De como eu subi ao altar; isso então nem se fala! Avelino já disse que temos de tirar cinquenta mil Júlio quer uma Retativa e escolheu já o papel e pediu um grande desconto e mais e muito mais. Eu cá oiço e guardo e aguardo.



Isto é a Casa do Gaiato

Ela é minha conhecida. A Confeiteira do Lar do Porto, aos cuidados de quem está hoje esta família, libertou a em tempos, de um buraco e conseguiu um 4.º andar. Ao passar ontem por ali, noto aquela mãe pobre e doente, com cara de quem está pior, sentada no portal e um caixote à sua frente. Aproximei-me. A visita na maré, não era propriamente para ela, visto como a tinha entregado em boas mãos e assim fiquei mais livre para acudir a outros. Não era a visita para ela, sim, mas o seu estado e aparência, fizeram-me estremecer. Cancerosa de há muito, tendo já dado o seu tempo no hospital, ela é a Dor. Mal paro, aí vem um grupo de vizinhos acudir e confirmar: não há esmola mais bem empregada. A este tempo, já eu tinha perguntado à Padecente o que a fizera vir até ali sem poder, ao que ela respondeu que fora a necessidade de vender umas bichinhas, colocando, ao mesmo tempo, as suas mãos descarnadas sobre o caixote. Procurei naturalmente as bichinhas com os olhos e não via mais do que um monte de folhas verdes. Ela percebe o meu olhar duvidoso e levanta o montão de folhas verdes. No fundo estavam as bichas. São p.ós pescadores. A minha filha mais velha vai panhá-las e eles vêm aqui comprar.

O grupo tinha se retirado a meu pedido e agora estava eu sozinho. Curvo-me um nadinha para melhor ouvir e ser ouvido. Discemos a confidências. A filha mais velha, que fora às bichas, tinha ido agora lavar uma roupinha e ela pediu a um filho que a tirasse da cama e conduzisse abaixo, proceder à venda. O filho que a trouxe, anda desempregado. A filha, não ganha. Dois pequeninos só comem, quando há. É agora vem o ponto final da espantosa confidência: o povo tem pena da minha cara e sempre compra mais alguma coisa por mais uns tostãozinho. Nisto abre a ponta dum lenço sujo que tinha no regaço e mostra: ainda não chegou o jantar.

Olhei em redor. Passavam crianças despreocupadas. Adultos também e se passavam, havia logo uma voz de algures: olhe que ele não quer que ninguém esteja a ouvir. Em muitas sacadas havia vasos de flores. Via-se uma fita azul, longa e esguia como a rua aonde estávamos; era o céu! A heroldia estava profundamente e visivelmente cansada; e sobretudo muito preocupada. Estou aqui com a morte na garganta mas tenho de me saciar por eles. Tenho de arranjar prá sopinha do meio dia.

Vindo não sei de onde, aparece o filho que a trouxera para a rua e agora, a meu pedido, torna a pegar na mãe ao colo e sobe quatro pisos e deita-a no catre. O caixote ficou aos cuidados de um sapateiro que trabalha no portal, o qual disse que sim; vá descansada que eu olho pelo negócio. No quarto há a dela e mais três camas; são dos filhos. A mãe mal pode falar. Tudo nela é violência. Minada e rufina, quer lutar. Vem a hora de comer e não há que o

par de família daquele lar já há muito que fugiu. Ficou ela, a Mãe!

Tirou-se duma cama a traveseira para juntar à da sua e assim ficar um pouco mais confortável. Ela é a Dor e vai falar. Que falas! Se todo o Evangelho é verdade por ser a Palavra de Deus, quanto não valem as últimas do Crucificado?

Os seus dois mais novos não estavam; andaram por lá. É desates que ela vai falar. É o seu testamento. A filha, dis, vai tomar conta dela a senhora professora; e o meu menino, continua, vai ser do Senhor Carlos. Cumprimento a senhora professora, sem saber quem ela é, nem isso importa. Regostjo-me com o Senhor Carlos, que é nosso. É meu. É o chefe do Lar do Porto.

UMA CARTA

Em vésperas de embarcar, dou a lume esta cartinha do Herculano Duarte:

«Sou hoje funcionário da Junta do Alg.ão com a sua Sede em Lisboa, Rua do Alecrim, 38.º e Delegações em Angola e Moçambique, entrando para este Organismo em Maio de 1950, trabalhando como mecânico e sendo o Chefe das nossas Oficinas, o que já ter bem cumprido. Du ao Pai Américo todos estes pormenores para que possa colher informações a meu respeito na nossa Sede em Lisboa.

Tenho também o meu lar constituído com minha mulher e três filhos, que são a alegria dos meus olhos ajudando-me assim a passar os dias mais alegres da minha vida ante o isolamento que por vezes a vida nos apresenta em África.

Mas sinto-me feliz! Não tenho preocupações de riqueza nem vaidade. Mas sim a preocupação: 1.º demonstrar aos meus superiores que sou filho do Pai Américo! 2.º a felicidade do meu próprio lar preocupando-me com a educação dos meus filhos. Agora Pai Américo sei por intermédio da nossa Empresa que tencionava vir a esta Província Venha, e creva-me dizendo quando tenciona embarcar. Quero sinceramente poder-lo abraçar. Quero receber Aquele que me livrou do crime e da fome, que me separou da escumalha da sociedade, que me levou a seguir o caminho da direita, o caminho da Ordem e Felicidade. Quero também apresentar ao Pai Américo nesta terra onde eu estou e alguns assinantes do GAIATO. Pai Américo sua resposta para mim é mais uma vida de felicidade até ao primeiro abraço.»

O Carlos Alberto disse que há de ser o primeiro; este será o segundo. Todos nos havemos de abraçar.

Os senhores, porém, não se entusiasmem em demasia. Este caso é verdadeiro, sim, mas também há deles, filhos da obra, e hoje nas Colónias Penais e de novo a valer, et coetera.

** Sim. Isto também é a Casa do Gaiato. É uma variante. Ora vamos. Ontem, estive logo de manhãzinha uma mulher muito encarquilhada, com um neto pela mão. Disse ser de Amarante e que a sua filha, mãe do pequeno, tinha ficado de baixo de uma camionete. Logo a seguir, uma outra mais nova, de preto, a pedir uma casa do Patria. São as que estão por aqui subindo. Sãdas que foram, vem um homem ainda novo e doente, que muito queria ir para o hospital. Logo atrás é uma mulher casada, nova, filho ao colo, que muito queria mandar um mudo que tem em casa, para o asilo deles, no Porto. Era quase meio dia, mas antes que as horas dessem, aparece recado de um paráltico a pedir um carro para tomar ar.

Da parte de tarde também houve concorrência. Foi uma mulher de Companhia, que trazia dois cartões não sei de quem e dois filhos pela mão.

Um bocadinho depois, dão-me recado de uma outra e aqui é que eu me quero demorar. Ela já tinha estado, mas não me encontrou em casa. Mora umas léguas ao sul de Gaia. Como tivessem trocado por Paços de Ferreira o nome de Paço de Sousa, ela fez então o circuito a pé, com um filho ao colo e outro pela mão. Contaram-me a história dela, quando cheguei de fora, e qual a sua pretensão: uma casa. Mulher muito rova, disseram-me, de estirpe, 4.º ano do liceu, que depois de muitas voltas, veio a casar com um pedreiro! A história ficou-me. Ela regressa. Vem-me recado e eu, sem coragem para mais, recusei-me. Isto eram 4 da tarde. Esquecido dela, venho encontrar a sentada numa pedra, ao fundo da quinta, com os filhos no regaço. É uma rapariga sobremaneira elegante. Nas orelhas duas grandes pérolas de vidro. Correcta. Equilibrada. Traz duas cartas que me passa para a mão; uma do pároco, outra do regedor da freguesia.

Ela começa a desfiar. Tinham dado as 6 na torre da igreja. O comboio em Cete passa 20 minutos depois. Eu apresso. Digo-lhe que são horas. Ela diz que não. Vim a pé e regresso a pé. Isto apavorou-me. Duas crianças e ela com 32 quilómetros a pé! Não quis ouvir mais. Disse que marchasse imediatamente com os seus filhos e o dinheiro do comboio seguiria por um gaiato e que esperasse carta. Ela assim fez, um filho em cada peito!

Fico sózinho no meio da avenida da nossa aldeia. Um dos maiores aproxima-se; deralhe a sua merenda e estivera um ror de tempo a escutá-la. Não foi tempo perdido. Nunca entrou tamanha riqueza dentro dos nossos muros, pró que veja-se. Esta desditosa mãe tinha estado em Fátima no dia 13 de Maio, e ouviu o vento que ali sopra. Não socoga que me não procure e vai até Paços de Ferreira, enganada. Ontem, volta aqui, as duas viagens a pé. Fora da porta, uma mulher do lugar, diz-lhe que não vale a pena: ele (eu) não fala a ninguém. Dentro, procura-me, e recebe a confirmação...

Este rapaz que lhe deu a sua merenda, enquanto ela e os filhos comem, vai lhe dizendo que será melhor retirar-se. Que hoje tinha

sido um dia de muita gente. Que não teria bom despacho. Eu espero, disse. Eu quero ouvir o não da boca dele. Gaiato. Venceu. Ouviu o Sim. Os justos vivem da fé. Também os cachorros, senhor, comem as migalhas que caem da mesa dos seus senhores.

** Não damos o nome de quem assina o postal. Não é que o amigo do Rufino não mereça estar aqui em maiúsculas, que merece, sim. Mas tenho medo de o molestar. Dá-se à estampa somente o que ele escreveu em 7 de Junho passado da Rua do Rosário.

«Rufino:
Já regresso.
Estou à espera do grilo que me prometeste. Se o chefe do Lar der ordem, vem cá trazê-lo, sim?
Ainda não vou à Contabilidade. Adeus. Muita saúde.
Teu amigo.

No dia 12 lá estou no Col'seu. De tudo quanto se tem dito da nossa Obra, nada tão objectivo. Nada tão formoso. Nada tão humano. Não há decretos. Não há portarias. Não há posturas. Se descrentes. Se duvidosos. Se indiferentes. Se contrários. Se tudo. Este postal dum senhor da cidade do Porto dirigido ao Rufino, aproxima e faz que todos conguemem.

Primeiramente o grilo! Rasteirinho e inocente criatura do Senhor, cantando alegria, o grilo prende e seduz!

Um homem de bem liga-se a um pequenino que andava perdido.

Esta encomenda do grilo deve ter posto em movimento os mais interessados e conhecedores de grilos que temos em Paço de Sousa. Sim, porque Rufino é da comunidade do Lar do Porto e para satisfazer o seu amigo, encomendou o grilo a um colega. Quem teria sido? Não sei. Eu ando alheio, mas é um dos vendedores que os apanha nos montes e guarda em caixas e vai com eles para a capela. A seguir consideremos a elegância que quase chega ao escrúpulo: se o chefe deixar. O amigo do Rufino deseja que ele vá levar à sua casa o grilo. Para dizer toda a verdade, o que pretende é justamente isto: ter o pequeno em sua casa. Sen á-lo à sua mesa. Gozar a sua presença. O grilo é um pretexto. E porque não lhe quer, avisa e aconselha, não vá ele, o Rufino, levado pelo entusiasmo de ir, perturbar a disciplina; se o chefe te deixar.

Continuemos a desfiar. As quatro regras do postal são o derrame de uma alma. Quem será este senhor da Rua do Rosário, que me leva ao céu?

E conta ao Rufino uma particularidade da sua vida. Quer fazê-lo com participação: ainda não vou à Contabilidade. Ter estado doente? Ausente? Quer? Como se fora homem para homem, amigo para amigo, o que pretende o grilo disse; quer fazer-se do tamanho do seu pequenino amigo. Introduzir-se, torná-lo seu!

E por fim, à laia de P. S. vem a notícia do Coli: eu: lá estou. Sim. Lá estive. Estive porque Rufino estava. A festa, segundo este senhor, foi mesmo a presença do minúsculo negociante.

Com os seus olhos inquietos, ele deve ter procurado o Rufino entre os outros, e uma vez localizado, jamais o perdeu de vista. Lá estou. Ora eis aqui o valor incomensurável da Obra da Rua.

Redacção, Administração e Proprietária
CASA DO GAIATO-PAÇO DE SOUSA - Telef. 5 Cete
Director e Editor
PADRE AMÉRICO
Composto e Impresso na
TIPOGRAFIA DA CASA DO GAIATO-PAÇO DE SOUSA
Vales do Correio para CBTE

AVENÇA



Gaiato



Visado pela
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES — ANO IX N.º 220 Preço 1\$00

UMA CARTA

QUERIDO PAI AMÉRICO E MEU BOM AMIGO

Em Agosto de 1946, escrevia-lhe a comunicar a minha entrada na Faculdade de Direito de Coimbra.

Tinha vencido o curso secundário em quatro anos e entrava na Universidade com dispensa do respectivo exame de aptidão, em virtude da boa média do curso dos liceus.



No querido Pai Américo, a Quem devo esta hora: 19 horas do dia 18 de Julho de 1952 — Dia da minha licenciatura em Direito. Após os actos da licenciatura em Direito: rasgado e «vestido» segundo os praxos académicos.

HERLANDER FREITAS

Sentia, então, o aumento das minhas responsabilidades: um curso superior! Encarei-as com serenidade e confiante, tendo a meu lado as mesmas armas do combate: — trabalho, método e perseverança.

Garanti-lhe, Pai Américo, o cumprimento da missão a que me chamou. Que não havia de afrouxar os trabalhos e que, com o Crucifixo sobre a minha mesa de estudo, removeria todas as dificuldades. Estamos em Julho de 1952.

Terminei os actos da minha licenciatura em Direito.

Sinto, neste momento, alguma coisa de indefinível dentro em mim! Emoção? Não sei. Venci e cheguei ao fim, graças a Deus.

Contrariedades, sofrimentos, invejas e até inimizades — tudo fica para trás, tudo esqueço e tudo perdoo, em face do acto real da minha formatura.

Não quero defender, aqui, uma tese, mas sentir dificuldades, é estímulo para lutar e vencer.

Cheguei ao fim. Com brilhantismo? Não sou eu o julgador. Com trabalho? Sim, com muito trabalho. Não esqueço que via quase sempre os anos lectivos perdidos por causa do serviço militar. Foi

no segundo ano o curso de oficiais milicianos; no terceiro ano, a prestação de seis meses de serviço nas fileiras do Exército para satisfazer as condições de promoção a alferes; e no quarto, mais seis meses para o posto de tenente. Só não fui ao quartel no 1.º e no 5.º ano.

Creio ter cumprido. É este o meu melhor título.

Quão incalculável deve ser a alegria dum pai por ver o seu filho formado, depois de dez anos de cuidados durante o curso secundário e o curso superior! É que as dores e alegrias dos filhos são no também dos pais. Interpretam-se.

Ora eu não me engano ao afirmar que a sua alegria, Pai Américo, é grande, cheia de plenitude, neste momento. Pois seja a grandeza da sua alegria a medida da minha imprecável gratidão sem limites. Bem haja. Beijo-lhe as mãos fervorosamente.

Esta hora também não seria possível se não fora a realza divina da Obra da Rua. Ela é a Mãe. E uma Mãe deve sentir o seu coração abraçado de amor, não porque os seus filhos tenham esta ou aquela posição, mas porque todos eles sabem amá-la, valorizando a dignidade do trabalho em qualquer parte.

Por isso, querido Pai Américo, eu vou aí, a Paço de Sousa, e muito desejo que a Missa do próximo domingo seja em acção de graças ao nosso Bom Deus, pela Obra da Rua e por todos os seus filhos.

Um sincero abraço do filho grato,
HERLANDER FREITAS

OFERTAS

Oferecem-se rapazes para lojas e oficinas e escritórios e laboratórios e construção civil e fábricas e tudo. Pedidos aos chefes dos Lares do Porto e S. João da Madeira e Coimbra. Quem quiser deles em Lisboa, dirija-se ao Tojal. Todas as idades. Todos os gostos. Há um da Guiné e aqui se lembra aos senhores da Pérola da Guiné, no Porto, que o ano passado falaram n'le, aqui em Paço de Sousa. É só mandar um postal e ele aparece. Ficará assim a Guiné na Guiné. O curso primário deste ano, tem números formidáveis: Lembro o Presidente, o Preta das casas, o Bernardino, meu refeiteiro que ora sou obrigado a trocar, e Papagaio, outro refeiteiro de categoria. O Guilhuze. Todos.



Aqui, LISBOA!

Trinta contos! Foi por esta linda oferta que começou o mês de Julho. Era a Primeira Sexta feira do mês. As cinco da manhã, a pedido dum dos rapazes, descí à capela a dar-lhe a Comunhão; às sete, um outro que ia também para a fábrica, fazia o mesmo pedido. Pouco depois era a comunidade que entrava para a comemoração desse dia. Cumprimos o nosso dever: procurámos o Reino de Deus, restava nos receber o acréscimo, segundo a promessa do Evangelho. E recebemos. Um telefonema de Lisboa anunciava que estava à nossa disposição, no Patriarcado, um embrulho. No regresso da Cascalheira onde em tempos deparei, com horror, com as primeiras furnas e agora assisti ao bota-fora dos últimos moradores, fui buscar o dito embrulho e dei com um envelope com sessenta notas de quinhentos, depositadas pelo desconhecido N. N.

Outra boa notícia foi a que saiu nos jornais, anunciando a Portaria do Ministro do Interior a autorizar a cedência gratuita de 1750 metros de terreno para a construção de moradias para os nossos protegidos.

O arquiteto já desenhou a linda planta de dez destas moradias que vão começar já a levantar-se. Está construída apenas a primeira.

Em 1500, alguém erigiu naquele sítio um cruzeiro que foi derrubado em 1910; restaurado em 1950 ele vai ter por moldura uma dezena de famílias a quem a cruz se cou as lágrimas. Este terreno que até aqui só dava cardos, vai ver florir pomares e jardins e almas há tanto tempo amarfanhadas.

Para a Junta da Freguesia, para a Câmara e para o Governo, a nossa gratidão!

E agora vamos ao mês de Junho para registarmos o que ele nos deixou. 50\$ do Lobito; 10 da Marinha Grande e algumas roupas; 100 dum oficial de Vendas Novas. Meu c ro Alferes, o seu rapaz promete. De Lisboa um relógio de pulso que foi parar ao do nosso padeiro, o Corre-Mundo, pelo bom pão que lhe sai das mãos e cuidado que põe nas missões que se lhe confiam.

Das Caldas da Rainha, 50 para os Pobres da nossa Conferência e 70 de quem não é nada, para os remédios dos mesmos.

Da Covilhã um senhor satisfaz a vontade da esposa, mandando

100 para o pai dos doze filhos e mais 40 para o mesmo, uma figueirense. Lá fui entregar tudo. Um dos pequenos que acaba de fazer a quarta classe, anda de volta de mim para lhe abrir as portas do Seminário. Ora, há tempos, uma senhora da Praia da Rocha escreveu a manifestar o desejo de dar um padre à Obra. Se esta ou outra quisesse, eu poderia levar mais esta alegria àquela família cristã.

P. M. H. manda 20 em carta de luto; mais de alguém, o dinheiro que gastaria em flores por um amigo falecido; 30 depositados no Banco por Adolfo; 100 duma professora local; 50 duma promessa mensal e 20 em acção de graças.

Num estabelecimento de Lisboa, 4 espelhos. Feita a embalagem apareceu o dono a dizer que estavam pagos. A um vendedor do jornal à porta da igreja de Fátima um envelope com 1.250\$ pedindo uma missa por alma dos seus. É pelas intenções dos nossos benfeitores que quase todos os dias subimos ao altar. Mais 70 pelas Almas.

220\$ dos Produtos Lácteos e 1.150\$ dos Empregados da Vacuum com a pontualidade que todos lhes conhecemos. Mais lenha do Banco de Portugal e mobílias de Lisboa, ótimas para o novo Lar. Uma bola e bôlos de pequenos visitantes da Rua Renato Batista e 650 doutros pequenos visitantes do Patronato de S. Sebastião da Pedreira. Cerca de duas mil latinas de azeite, do G. de Exportadores e todo o fogo de arúfficio da noite de S. Pedro oferecido pela Fábrica do Sá Couto, nossa vizinha, para alegria dos seus Rapazes. Foi de facto uma noite cheia. Era de reventar a rir e chorar por mais.

50 para os sapatos do Zeca, cuja tristeza, por ter perdido os velhos, foi notada por um visitante; 200 e 20 de visitantes amigos e 100 e 20 de outros visitantes vicentinos. Na Caixa dos Pobres da Conferência 230\$.

Roupas de Lisboa e de Lourenço Marques; um envelope de Montelo; 100 dum Oficial de Cavalaria, para o Património dos Pobres. 50\$ do José Manuel que andou a juntá-los desde 1950, com um grande abraço que retribuimos. 50 de Oliveira de Azeméis e 100 duma Teresinha de ano e meio.

PADRE ADRIANO